



Abiodum

ISSN: 25270605

Florianópolis, v. 19, n. 2, jul./dez. 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) PEDAGOGIA
NÚCLEO EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (ERER)



Editorial

Eliane Debus

Tutora PET/Pedagogia/UFSC

O *Boletim Abiodum*, publicação do Programa de Educação Tutorial (PET) de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que circula, com pequenas interrupções, desde 2011, tem edição semestral desde 2017, quando ganha a identificação por código de publicações seriadas, o ISSN (*International Standard Serial Number*). Com objetivo de trazer para o debate a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) a partir de diferentes temas, as duas edições de 2022 optaram pela literatura para infância e juventude e a temática afro-brasileira e africana que circula no mercado editorial brasileiro. No volume 18, o recorte foram as literaturas afro-brasileiras e neste são ressaltadas as literaturas africanas de língua portuguesa.

Esta edição também acolhe o novo tutor do PET de Pedagogia (UFSC), o Professor Jéferson Silveira Dantas: que ele possa dar continuidade a este Boletim que tem contribuído sobremaneira para o exercício crítico sobre a ERER.

Diante disso, desejamos uma boa leitura!

EXPEDIENTE

Conselho editorial: Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etelvino Guila (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique), Jéferson Silveira Dantas (UFSC), Joana Célia dos Passos (UFSC), Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/AENSC), Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR).

Colaboradores da edição: Aline Rosa de Abreu, Ariel Souza, Camila da Silveira, Eliane Debus, Etelvino Guila, Fernanda Gonçalves, Gustavo Menor, Laila Maheirie Barreto, Maria Aparecida Rita Moreira, Pedro Salles Iwersen, Tatiana Valentin Mina Bernardes, Zâmbia Osório dos Santos.

Trabalho técnico: Ana Carolina Ostetto (revisão); Andrei Cavalheiro (diagramação).

Endereço: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900.

LEIA TAMBÉM AS
EDIÇÕES ANTERIORES:

[https://petpedagogiaufsc.
paginas.ufsc.br/abiodum/](https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/abiodum/)



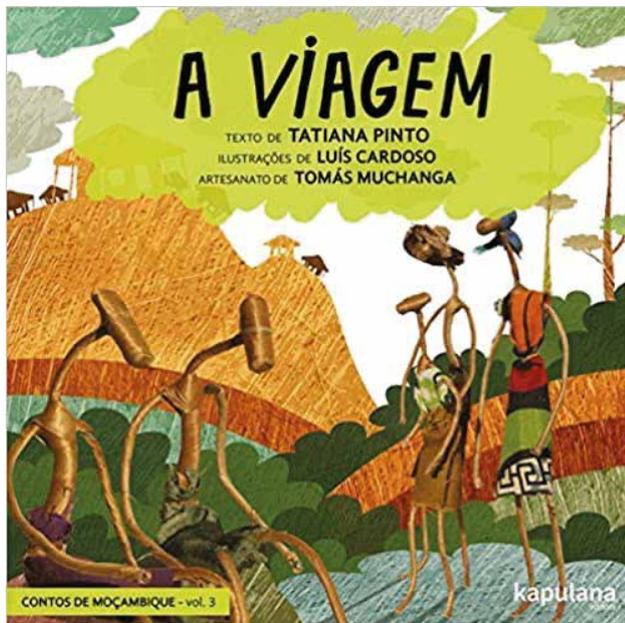
CONTO PRA ELAS: A VIAGEM DE INAYA

Laila Maheirie Barreto

Bolsista PET Pedagogia/UFSC

Eliane Debus

Professora MEN/CED/UFSC



O ser humano tem capacidades cognitivas em constante desenvolvimento, consegue imaginar e ponderar, o que lhe é útil para a produção de narrativas que justifiquem o mundo à sua volta e dê significado às suas vivências (RIBEIRO, 2018). O que se iniciou pela transmissão oral se desenvolveu e se transformou ao longo dos anos e passou a conviver paralelamente com a literatura escrita. Quando tratamos das literaturas para infâncias, as lendas são acolhidas como possibilidade de diálogo com a leitor/a, retratando um feito heróico, um acontecimento extraordinário, envolvendo os atos do ser humano e/ou localidades específicas, que são estratégicas para o exercício da imaginação e para “[...] conhecer e valorizar a cultura do outro e as raízes brasileiras” (BASEIO, 2012, p. 24). Além disso, em seu conteúdo é possível conter elementos do maravilhoso, que podem se caracterizar pelo acontecimento extraordinário em meio à ordinariedade, como o animal falante e pensante (MICHELLI, 2012).

Na discussão que aqui trazemos, o diálogo da Lenda e seu reconto tem interface, onde “Recontar histórias pode tanto constituir uma atividade oral [...], como uma elaboração

escrita, processo de que resulta um texto para ser lido” (TIETZMANN, 2018, p. 13). No que diz respeito às literaturas orais africanas, deve-se manter um especial cuidado em preservar as suas especificidades, por se tratar de contexto, cultura e imaginário diversos, o que as tornam também impossíveis de serem classificadas em sua totalidade (RICHE, 2018).

Quando observamos as imposições refletidas ao gênero feminino, é inegável a tentativa de imposição à inferioridade com relação aos homens: a elas são determinados os papéis de passividade e submissão. A tentativa de quebra desses padrões na sociedade ocidental é muito recente e, infelizmente, acabam refletindo em nossa própria história: “[...] conhecemos muitíssimas histórias de homens importantes, mas não tantas histórias delas [...]” (FINK, 2016, p.3). Por esse motivo, torna-se importante conhecer, a partir dos contos, mulheres e meninas que transgridem os padrões de gênero impostos a elas e que comprovam que é possível se deslocar desse lugar de submissão.

Diante disso, trazemos uma pequena leitura do livro *A viagem*, da escritora moçambicana Tatiana Pinto (2016), onde acompanhamos a história de Inaya, que fica responsável pela pesca (atividade atribuída aos homens) após a partida de seus dois irmãos, Agot e Mbuio, para a cidade grande, Kuro-Kuro. Poucos dias após salvar um jovem peixinho de sua rede e sem notícias de seus irmãos, ela pede para a família permissão para procurá-los, onde protestam “para lá não vão raparigas!”, mas acabam deixando-a partir também, com a bênção de que seus avós estariam olhando por ela.

Durante sua viagem, ela acaba encontrando três mulheres de idades e contextos de viagem diferentes: a primeira, mais velha, pede para que Inaya a ajude a se lavar; a segunda, um pouco mais nova, pediu ajuda para pilar o milho; a terceira, a mais jovem, pediu para ajudar a preparar a xima. Em troca, elas lhe deram três presentes: sementes mágicas, um gato e roupas masculinizadas. Com esses objetos ela partiu em sua viagem para Kuro-Kuro, cidade em que se vive do jogo e as mulheres são proibidas. Vestida com as roupas características de

homem, Inaya tem de pernoitar na cidade e provoca comentários dos outros moradores, que desconfiam de sua verdadeira identidade de gênero. O gato escuta-os planejando um teste com piri-piri (pimenta) para averiguar se aquele novato era de fato um homem e corre para contar tudo a sua dona, que realiza o teste preparada e consegue convencer a todos de que é um homem.

O chefe da cidade convoca todos no dia seguinte para o jogo: todos têm de jogar sementes na terra e se elas não crescerem de imediato, seriam escravizados. Se elas crescerem, seriam chefias daquela terra. Inaya joga, então, as sementes presenteadas pela mulher idosa e, rapidamente, elas se transformam em uma árvore de laranjas. Com a essa vitória, passa a ser rei de Kuro-Kuro e tem a oportunidade de procurar seus irmãos na cadeia, pois estes perderam o jogo. Ao encontrá-los conseguiu bolar um plano de fuga: construir um grande barco, cheio de riquezas para levar de volta para sua comunidade, enquanto os ratos contratados por Inaya afundavam o restante da frota marítima de Kuro-Kuro para não serem perseguidos. O plano funcionou perfeitamente e nossa protagonista revelou sua identidade de gênero feminino a todos da cidade quando estavam em uma distância segura. Os irmãos de Inaya não queriam que toda a sua comunidade soubesse que a irmã era responsável por tantas maravilhas e jogam Inaya ao mar. Por sorte, ela é salva pelo peixe que um dia libertara e, logo após, colocou-a em terra firme. Mesmo perdida, consegue voltar para casa e contar ao pai o que ocorreu com seus irmãos, que acabaram sendo, ao final, “malditos por toda a gente”.

O conto de Tatiana Pinto (2016) expande o universo e os elementos presentes no conto original: dá nomes aos personagens da família de Inaya, assim como a cidade do jogo, Kuro-Kuro; dá descrição sobre a vida daquela família antes e depois da partida dos irmãos; estabelece motivações de preocupação de Inaya por Agot e Mbuio quando não retornam para casa após o prazo combinado; adiciona o toque do suspense, dá expressão de sentimentos, inseguranças, sensações e ponderações de Inaya durante toda sua viagem. Ainda, destaca a mãe como uma figura conselheira em momentos tensos e de expressão da sabedoria, mediadora de

conflitos.

Sem alterar o enredo da lenda, a autora do conto elabora a motivação de Inaya em seguir sua viagem a partir dos conselhos e alentos de sua mãe, que seus avós olhavam por ela. Nessa história, a lenda maravilhosa não é só caracterizada pela interlocução animal, mas também pelos grandes feitos de Inaya, superando os obstáculos delimitados pelo gênero, onde é ajudada por outras mulheres que se fazem presentes na história, que rezam, olham por ela, dão-lhe objetos mágicos e úteis para a sua segurança.

REFERÊNCIAS

BASEIO, Maria A. Mitos e Lendas *In* GREGORIN, José N. F. (org.). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012. p. 9-25.

FINK, Nadia. **Violeta Parra**: para meninas e meninos. Ilustração de Pitu Saá. Florianópolis, SC: SUR Livro, 2016.

MICHELLI, Regina. Contos Maravilhosos e Fantásticos. *In* GREGORIN, José N. F. (org.). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012. p. 26- 56.

PINTO, Tatiana. **A viagem**. Ilustração de Luís Cardoso e Tomás Muchanga. São Paulo: Kapulana, 2016.

RIBEIRO, Maria A. O conto dos contos da oralidade: permanências e mudanças de gênero. *In* AGUIAR, Vera; MARTHA, Alice (orgs.). **Conto e conto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012, p. 215-227.

RICHE, Rosa M. África e Brasil africano: das narrativas orais ao conto. *In* AGUIAR, Vera; MARTHA, Alice (org.). **Conto e conto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 229-245.

TIETZMANN, Vera M. Sobre contos e recontos (nos 200 anos de Kinder- und Hausmärchen, dos Irmãos Grimm, 1812-2012) *In* AGUIAR, Vera; MARTHA, Alice (org.). **Conto e conto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 13-33.

O SEGREDO DAS VIAGENS PELO MUNDO DA LITERATURA PARA INFÂNCIA EM MOÇAMBIQUE: PEDRO PEREIRA LOPES NA UFSC

Priscila Espíndola

Bolsista PET Pedagogia/UFSC

Eliane Debus

Professora MEN/CED/UFSC

Escrevia para não adoecer.
(Pedro Pereira Lopes)

Acolhemos os dizeres do escritor Pedro Pereira Lopes para iniciar esta escrita, porque nos dizem muito do que a Literatura pode contribuir para a formação humana do leitor e, nesse caso específico, do leitor que se torna escritor e as relações de afeto podem ser estabelecidas pelo texto literário que traz a “cura”.

No dia 22 de junho de 2022, o Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) recebeu o escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes, que participou de diferentes ações, entre elas, a palestra “O segredo das viagens pelo mundo da literatura para infância em Moçambique”, que ocorreu no período vespertino no Teatro Carmem Fossari (UFSC) e contou com a participação de 60 pessoas interessadas nas discussões sobre a literatura para infância e juventude publicada em Moçambique, em particular, a produção do escritor convidado (Imagem 1).

Imagem 1: Cartaz de divulgação da palestra.



Fonte: Acervo do PET Pedagogia (UFSC).

O escritor esteve na UFSC em outros dois momentos no ano de 2019, em maio e no dia 5 de novembro, quando participou da mesa “A literatura para infância em Moçambique” durante o VIII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VIII SLIJ) e IV Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (IV SELIPRAM). Para além disso, no ano de 2020, durante a pandemia, o PET realizou o Projeto “Versos do Índico”, que buscou socializar, por meio de vídeos nas redes sociais, poemas de escritores de Moçambique, entre eles, os seus poemas presentes no livro *Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen e Outros Poemas* (LOPES, 2015).

Pedro Pereira Lopes nasceu em Zambézia, província de Moçambi que no ano de 1987, fez graduação em Administração e Mestrado em Políticas Públicas na Escola de Governação da Universidade de Pequim. Professor, escritor e editor, tem no fazer da escrita o seu maior desejo. Considera-se um escritor experimental, oscilando entre Romance e Literatura Fantástica. Possui diversos títulos criados para infância e juventude, como: *O homem dos 7 cabelos* (2012); *Viagem pelo*

mundo num grão de pólen e outros poemas (2014); *Kanova e o segredo da caveira* (2017); *A história de João Gala-Gala* (2017), em autoria com Chico Antonio; *O comboio que andava de chinelos* (2019); *Por que é um livro mágico?* (2020), em autoria com Angelina Neves; *O coração que veio de longe (ou o homem líquido)*, um conto que foi escrito, especialmente, para participar da coletânea *Cuentos para ler el mundo*, uma antologia infanto-juvenil.

Em sua palestra na UFSC descreveu sua história de vida de forma realista: sua família era pobre, então, a única coisa que restava era a imaginação. Começou a escrever a partir dos 12 anos de idade, quando seus pais se divorciaram, algo incomum em seu país. Com sentimentos de vazio e isolamento, livros passaram a ser seu suporte ou, como ressalta, “*seus melhores amigos*”. Mudou-se para uma região rural na adolescência, onde não havia luz elétrica. Ler era seu subterfúgio, tanto por questões pessoais quanto pelo ritmo da vida no interior. Descobriu, assim, a poesia com temas mais críticos.

Preferia a biblioteca à aula convencional. No início, copiava a estrutura de alguns livros clássicos da Disney e dos Irmãos Grimm, que eram suas principais inspirações, já que a literatura infantil e juvenil em Moçambique não era tão desenvolvida.

Tornou-se, então, um “*rato de biblioteca*” para fugir de seus problemas pessoais, até sentir a necessidade de criar suas próprias histórias. A criação de livros para infância foi um “*acidente de percurso*”, como descrito por ele. Aos 18 anos procurou uma editora, pois gostaria de publicar seus 140 poemas. Diante disso, a proposta foi à publicação de apenas 40, a qual recusou.

As publicações que não têm a infância como recepção se diferenciam pelos estilos de grafia, seguindo um padrão não convencional. Sua forma de escrever já foi chamada de “*Marcha gráfica absurda*”, pois seu objetivo era manter uma literatura livre. Além disso, marcas de oratória e de sua cultura estão presentes em sua escrita.

Em relação a sua formação leitora, muitas foram as influências, citando sua apreciação por escritores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski (por suas inspirações no mundo ocidental, em que Pedro se identificava) e Jorge Amado.

A tarde fria de junho se aqueceu no

encontro com o escritor e essa aproximação e com sua produção literária encheu de contentamento (Imagem 2). Do mesmo modo, ouvi-lo novamente possibilitou interagir de modo diverso com os saberes da literatura para infância.

Imagem 2: Encontro do escritor com petianas/os e professoras.



Fonte: Acervo do PET Pedagogia UFSC (2022).

REFERÊNCIAS

LOPES, Pedro Pereira. **O homem dos 7 Cabelos**. Maputo: Alcance, 2012.

LOPES, Pedro Pereira. **Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas**. Maputo: Escola portuguesa de Moçambique, 2014.

LOPES, Pedro Pereira. **Kanova e o segredo da caveira**. Ilustração de Walter Zand. São Paulo: Kapulana, 2017.

LOPES, Pedro Pereira. **O comboio que andava de Chinelos**. Ilustração de Walter Zand. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2019.

LOPES, Pedro Pereira; ANTONIO, Chico. **A história de João Gala-Gala**. Ilustração de Luís Cardoso. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2017.

LOPES, Pedro Pereira; NEVES, Angelina. **Por que é um livro mágico?** Ilustrações de Maurício Negro. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2020.

AS CRIANÇAS, OS LIVROS E O ESCRITOR: QUANDO PEDRO PEREIRA LOPES ESTEVE A BRINCAR E A DANÇAR COM AS PALAVRAS

Tatiana Valentin Mina Bernardes

Professora RME/Florianópolis

Doutoranda PPGE/UFSC

Eliane Debus

Professora MEN/CED/UFSC

A publicação de livros literários de escritores/as africanos/as de Língua Portuguesa para infância no Brasil ainda é recente e sua inserção se efetiva a partir da Lei nº 10.639, promulgada no ano de 2003 (BRASIL, 2003).

Eliane Debus, na pesquisa “De lá para cá: as Literaturas Africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil no período de 2013 a 2018”, acolhida na chamada pública do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), edital Chamada Universal MCTIC/CNPq nº 28/2018, realizada no período de 2018 a 2022, que teve como objetivo geral analisar os livros de literaturas africanas de Língua Portuguesa para infância publicados pelo mercado editorial brasileiro, no período citado, afirma que, mesmo sendo em número, aparentemente, pequeno em relação à totalidade de livros que circulam no mercado editorial brasileiro, a citada Lei, bem como seus documentos normativos (Parecer CNE/CP nº 3 e Resolução CNE/CP nº 1 de 2004; Parecer CNE/CEB nº 2 de 2007; Lei nº 11.645 de 2008; Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Étnico-Raciais de 2009; Lei nº 12.288 de 2010; Lei nº 12.7796 de 2013; Parecer CNE/CEB nº 14 de 2015) e suas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2004, contribuíram para fomentar a circulação desses livros no Brasil (BRASIL, 2003).

Outras constatações nesse mapeamento inicial fazem com que a pesquisadora levante uma série de questionamentos que giram entre a produção e circulação dos livros (DEBUS, 2018). No que diz respeito à

produção, Debus (2018, p. 133) questiona que, sendo cinco os países africanos de Língua Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), a representação dos livros no Brasil se dá em maior número pelos países Angola e Moçambique: “[...] Porque os demais não chegam ao mercado editorial brasileiro?”; porque “[...] a maioria dos escritos se dá pela mão masculina [?]. Como se efetiva realmente a escrita feminina para infância nestes dois países [?]; por último, qual a razão da maioria das narrativas serem vinculadas a tradição oral?

Quanto à circulação, a autora afirma que nenhum dos livros mapeados integrou os acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), o qual distribuiu livros literários e manteve continuidade como uma política pública de leitura por 17 anos (1997 a 2015), no momento extinto. Assim, ainda indaga: esses livros “[...] Estão sendo lidos? Qual é o público leitor? A criança ou o pesquisador leem esses títulos?” (DEBUS, 2018, p.133).

A partir do mapeamento dos títulos, as primeiras análises e questionamentos sobre a publicação, produção e circulação dos livros de literaturas africanas de Língua Portuguesa para infância publicada no Brasil, outras pesquisas individuais e coletivas se desdobraram e foram encampadas pelas/os membras/os do “Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária” (UFSC/CNPq).

Nesse recorte, apresentamos notícias de uma pesquisa de doutorado, em andamento, realizada por Tatiana Valentin Mina Bernardes nomeada provisoriamente de *A mediação e a recepção das Literaturas Moçambicanas para infância publicadas no Brasil: possibilidades para uma Educação Literária Antirracista*, no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSC), sob a orientação da Professora Doutora Eliane Debus, que busca, por meio de uma orientação dialógica junto a uma professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis e

seu grupo de crianças, como a literatura de quatro escritores moçambicanos é recebida e quais estratégias pedagógicas são utilizadas para esse fim.

Para tanto, escolhemos apresentar a relação de proximidade com os poemas do livro *Viagem pelo Mundo num grão de pólen e outros poemas*, de Pedro Pereira Lopes, e como as crianças experienciaram o momento singular da visita do escritor ao espaço institucional no dia 22 de junho de 2022.

A mediação com o livro se deu, especialmente, com o poema *O bailarino da Mafalala*. Tal escolha se deu em razão dos elementos culturais que ele apresenta sobre o país de Moçambique e a capital Maputo: Mafalala um bairro de Maputo, Capital de Moçambique; Capulana tecido Moçambicano, bastante colorido, usado como vestimenta, enfeite e decoração; e Marrabenta dança do Sul de Moçambique. A partir da leitura do poema, foram explorados todos esses elementos culturais, apresentando vídeos, músicas, imagens, aproximando as crianças ao contexto da narrativa e trazendo informações e conhecimentos sobre o país.

A visita do escritor moçambicano à Unidade Educativa foi organizada e pensada quando soubemos da sua vinda à Florianópolis para participar de um evento. Desse modo, foi feito o convite e ele aceitou prontamente. Combinada a data, partimos para o planejamento do momento da visita: em roda dialogamos sobre o que gostariam de perguntar ao escritor, como poderíamos construir um painel com os desenhos e as imagens de Moçambique e Maputo e, ainda, registramos em um painel frases das crianças sobre o que mais gostaram de conhecer sobre Moçambique.

No dia da visita, as crianças estavam eufóricas e com grande expectativa para conhecê-lo pessoalmente e ficaram ainda mais entusiasmados quando souberam que a professora Eliane Debus viria junto, pois ela apresentou ao grupo o seu livro *É tempo de Pão por Deus*. Quando Pedro chegou, as crianças estavam no refeitório lanchando; e assim que notaram a sua presença, começaram a apontar e falar: “*Olha é o Pedro! É o Pedro Pereira Lopes! É ele!*”. À medida que ele se aproximava, algumas crianças se levantaram e vieram abraçar e falar com o Pedro. Diante desse episódio, Bernardo¹ fala:

Prof.? Esse é o Pedro Pereira Lopes? Falo: Sim. Bernardo: É o Pedro Pereira Lopes? [pergunta em tom de dúvida] Digo: Sim. Bernardo faz que não com a mão [com expressão de dúvida]. E se aproxima de Pedro e pergunta: Você é o Pedro? Pedro responde: Sim, sou eu. Bernardo: Tem certeza? Pedro: [rindo] Sim! Bernardo sai e vem em minha direção e fala: Não é não prof.! Falo: É sim, Be! Bernardo: O Pedro Pereira Lopes tem o cabelo enroladinho [e aponta para o cabelo do Pedro que agora está com dreads]. Mas, tá diferente. (Diário de Campo – 22/06/2022)

Ao longo dos dias, mostramos algumas fotos do escritor que estava com os cabelos baixos e crespos, talvez por isso o estranhamento de Bernardo.

Na sala, onde foi preparado o ambiente para a conversa, um sofá com almofadas e cadeiras ao redor, onde as crianças puderam sentar. Assim que Pedro apareceu na porta as crianças ficaram em polvorosa, soltaram gritos e batem palmas. Ele entra e se dirige às crianças e passa cumprimentando todas elas, uma a uma; em seguida, senta-se. As crianças começam a chamar a atenção para os painéis com as imagens que colocamos nas duas paredes laterais da sala e o tambor, as quais foram apresentadas ao grupo após a leitura do poema do *Bailarino da Mafalala* do livro *Viagem ao mundo num grão de pólen e outros poemas* e o tambor que a professora trouxe no dia que planejamos a ação com a dança Marrabenta. As crianças foram ficando à vontade, interagiram com Pedro, foram fazendo perguntas e trazendo elementos que aprenderam com a leitura do livro, como podemos observar no trecho a seguir, que representa a fala transcrita:

Antonella: O livro dele é muito legal. Bernardo: Eu vou dançar até ficar velhinho!!! Todos riem e batem palmas. Bruno: Ô Pedro! É verdade que o bailarino da Mafalala existe? Pedro: Sim! (Diário de Campo – 22/06/2022)

¹ Acordamos com as professoras, responsáveis pelas crianças e com o grupo de crianças, manter os nomes verdadeiros das crianças e as/os demais envolvidas/os na pesquisa.

Imagem 1 e 2: Visita de Pedro Pereira Lopes na Unidade Educativa



Fonte: Acervo da pesquisadora

Exibimos, aqui, um recorte da pesquisa em desenvolvimento e gostaríamos de destacar que a forma como o grupo interagiu e dialogou com escritor demonstra que o contato com o livro e as estratégias de mediação planejadas, as quais possibilitaram uma proximidade das crianças com o contexto histórico e cultural do país Moçambique, ainda que não conheçam propriamente sua conjuntura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

_____. Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008, que altera a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena.

_____. Lei Federal nº 12.228 de 20 de julho de 2010, institui o Estatuto da Igualdade Racial, altera as Leis nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989, 9.029 de 13 de abril de 1995, 7.347 de 24 de julho de 1985 e 10.778 de 24 de novembro de 2003.

_____. Lei Federal nº 12.796 de 4 de abril de 2013. Alteração das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. MEC/SEPPPIR. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. Brasília: MEC, 2004.

_____. Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução nº 1/2004, que instituem e regulamentam as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira*.

_____. Parecer CNE/CEB nº 7/2007, quanto à abrangência das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira*.

_____. Parecer CNE/CEB nº 14/2015. *Diretrizes Operacionais para implementação da História e das Culturas dos povos indígenas na Educação Básica*, em decorrência da Lei 11.645/2008.

DEBUS, Eliane. A literatura africana de Língua Portuguesa para a infância publicada no Brasil. In: PASSOS, Joana Célia dos; DEBUS, Eliane (org.). **Resistências e re-existências: desenvolvimento e cultura afro-brasileira na região Sul**. Tubarão, SC: Copiart, 2018. 312.

_____. *É tempo de Pão por Deus*. Il. Márcia Cardeal. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2022.

LOPES, Pedro Pereira. *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*. Il. Filipa Pontes. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

REFERÊNCIA PARA OUTRAS PESQUISAS

Eliane Debus

MEN/CED/UFSC

O livro *Para dar a conhecer as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para infância publicadas no Brasil: Resenhas* (Cruz e Sousa, 2022), organizado por Eliane Debus, Tatiana Valentin Mina Bernardes e Zâmbia Osório dos Sanos apresenta a reunião de resenha de 36 livros. Para tanto, deixamos a seguir uma lista de livros para que sirva de referência para consulta.

AUTOR	PAÍS	TÍTULO DO LIVRO	EDITORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>A rainha do Estapafurdio</i>	Melhoramentos	2016
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>O Filho do Vento</i>	Língua Geral	2006
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>Nweti e o Mar: exercícios para sonhar sereias</i>	Griphus	2012
VIEIRA, José Luandino	Angola	<i>Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana</i>	Pallas	2012
VIEIRA, José Luandino	Angola	<i>Kaputu Kinjila e o sócio dele, Kambaxi Kidxi</i>	Melhoramentos	2013
FERNANDES, Maria Celestina	Angola	<i>A árvore dos Gingongos</i>	DCL	2009
FERNANDES, Maria Celestina	Angola	<i>Kalimba</i>	Kapulana	2015
FERNANDES, Maria Celestina	Angola	<i>A árvore dos Gingongos</i>	DCL	2009
FERNANDES, Maria Celestina	Angola	<i>Kamba para sempre</i>	Kapulana	2017
ONDJAKI	Angola	<i>O voo do golfinho</i>	Companhia das Letrinhas	2012
ONDJAKI	Angola	<i>Uma escuridão bonita</i>	Pallas	2013
ONDJAKI	Angola	<i>Ynari: a menina das cinco tranças</i>	Companhia das Letrinhas	2010
ONDJAKI	Angola	<i>A bicicleta que tinha bigodes</i>	Pallas	2012
ONDJAKI	Angola	<i>Ombela a origem das chuvas</i>	Pallas Mini	2014
PEPETELA	Angola	<i>As Aventuras de Ngunga</i>	Dom Quixote	2002
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angola	<i>Debaixo do arco-íris não passa ninguém</i>	Língua Geral	2006
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angola	<i>A caçada real</i>	Matrix	2011
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angola	<i>A vassoura do ar encantado</i>	Pallas	2012
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angola	<i>Brincando, brincando não tem macaco troglodita</i>	Matrix	2011
DUARTE, Vera	Cabo Verde	<i>Ai, se um dia ...</i>	Nandyala	2019
BANORI, Eliseu	Guiné-Bissau	<i>A história que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau</i>	Nandyala	2020
TIMOTÉO, Adelino	Moçambique	<i>Na aldeia dos crocodilos</i>	Kapulana	2011
DAUX, Alex	Moçambique	<i>O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique</i>	Nandyala	2019
DUNDURO, Alexandre	Moçambique	<i>O casamento misterioso de Mwidja</i>	Kapulana	2017
SANTOS, Carlos	Moçambique	<i>O caçador de ossos</i>	Kapulana	2017
FAIFE, Hélder	Moçambique	<i>As armadilhas da Floresta</i>	Kapulana	2016
PANGUANA, Marcelo	Moçambique	<i>Leona, a filha do silêncio</i>	Kapulana	2018
BRITO, Mauro	Moçambique	<i>O luminoso voo das palavras</i>	Katarina Kartoner	2019
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O Beijo da Palavrinha</i>	Língua Geral	2016
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O gato e o escuto</i>	Companhia das Letrinhas	2008
COUTO, Mia	Moçambique	<i>A água e a água</i>		2018
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O pátio das Sombras</i>	Kapulana	2018
CHIZIANE, Paulina	Moçambique	<i>Tenta</i>	Nandyala	2018
LOPES, Pedro Pereira	Moçambique	<i>Kanova e o segredo da caveira</i>	Kapulana	2017
MANJATE, Rogério	Moçambique	<i>Wazi</i>	Kapulana	2017
PINTO, Tatiana	Moçambique	<i>A viagem</i>	Kapulana	2016
KHOSA, Ungulani Ba Ka	Moçambique	<i>O rei Mocho</i>	Kapulana	2016

HOMENAGEM: ANGELINA NEVES – MOÇAMBIQUE

Eliane Debus

Professora MEN/CED/UFSC

Etelvino Guila

Professor Universidade

Eduardo Mondlane – Moçambique

Doutorando PPGE/UFSC

Zâmbia Osório dos Santos

Professora RME/Florianópolis

Doutoranda PPGE/UFSC



O *Abiodum*, volume 19, homenageia a escritora e educadora moçambicana Angelina Neves, a “mãe da literatura infanto-juvenil moçambicana”, como carinhosamente é tratada nesse contexto literário, a qual é responsável por inúmeras escritas e ilustrações de narrativas, assim como é referenciada por escritoras/es moçambicanos quando rememoram sobre suas leituras de infância. Sua extensa produção para infância e o papel que possui

na constituição de escritores da literatura moçambicana atual justifica essa homenagem.

No início da década de 1990, a escritora-educadora começa a se dedicar a produção de livros para infância: com fins didáticos, literários e de recreação (Boletins Informativos), entre outros. Grande parte das publicações é em parceria com organizações humanitárias, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e *Save the Children*, das quais recebeu prêmios devido ao seu compromisso político com os direitos da infância em seu país. Suas publicações somam mais de 40 títulos. Segundo Debus, Guila e Santos (2021, p. 32, grifos dos autores):

No processo de sistematização da produção de Angelina Neves, dedicada à infância, elencamos três categorias principais: elencamos três grandes grupos: 1) **produção didático-informativa**, que abarca os “livros didáticos para a fase pré-escolar” (OLIVEIRA, 2011, p. 85), revistas e livros informativos, compreendidos como “livros que convidam a uma reflexão, e livros que informam sobre tudo aquilo que as crianças veem de maneira fugaz na vida real” (GARRALÓN, 2012); 2) **recontos**, enquanto tradução de cultura oral para uma cultura grafada e também recriação, reconstrução de tradições que não são estáticas (SISTO, 2010); e 3) **narrativas contemporâneas**, tendo como uma de suas características a interdependência de linguagem verbal e visual na composição do livro (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985).

Desde 2018, o Grupo de Pesquisa Literalise (UFSC/CNPQ) vem se detendo sobre a produção dessa escritora que se solidifica na pesquisa *Angelina Neves e a produção para infâncias* e dialoga com o

projeto *De lá para cá: as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil no período de 2013 a 2018*, que apresenta seus primeiros resultados por meio de diferentes artigos, do livro *De livros e leituras: a produção de Angelina Neves* (DEBUS; SANTOS, 2021), trabalho coletivo que reúne resenhas dos livros da escritora.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane; SANTOS, Zâmbia Osório. De

livros e leituras: a produção de Angelina Neves. Florianópolis, SC: Cruz e Sousa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230063/De%20Livros%20e%20Leituras%20-%20FINAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: jun. 2022.

DEBUS, Eliane; GUILA, Etelvino; SANTOS, Zâmbia Osório dos. Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelho, Hienas e Macacos. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.30, n.62, abr./jun.2021.



ENTREVISTA - MARIA CELESTINA FERNANDES

Maria Aparecida Rita Moreira

Professora aposentada SEE/SC

Doutora em Literatura/UFSC

Presidente da AENSC



Créditos da foto da autora Priscila Fernandes

Maria Celestina Fernandes é uma escritora angolana com uma vasta produção que contempla diferentes gêneros, como

romance, poesia e, principalmente, histórias para crianças. É perceptível o cuidado e o carinho que nutre pelos pequenos. Nesta edição do *Abiodum*, iremos conhecer um pouquinho da relação dessa grande escritora com a literatura.

ABIODUM: Sua biografia nos lembra sua formação em Assistente Social e Direito. Quando surge o interesse pela literatura?

MARIA CELESTINA FERNANDES: A minha formação em Serviço Social e Direito influenciou, em certa medida, a minha escrita numa fase posterior. Na verdade, a minha paixão pela literatura surgiu era eu ainda criança, através da leitura de livros infantis e juvenis de escritores, tais como Hans Christian Andersen, Charles Perrault, os irmãos Grimm, José Mauro de Vasconcelos, Saint-Exupéry e outros, sem decorar os contos da literatura oral que continuo a ouvir como interesse e curiosidade. Ao tornar-me mãe, fui transmitindo a mesma paixão pelos livros e a leitura aos filhos – contava-lhes histórias, lia e, depois de alfabetizados, fui dando livros e acompanhando as suas leituras. Certo dia, no dealbar da década de 1980, ensaiei escrever eu própria um conto para eles, e a recepção foi deveras



surpreendente! Eles adoraram de tal maneira o escrito que me pediram para repetir a leitura, que teatralizei várias vezes e ouviam-na sempre com entusiasmo. Ora, isso me incentivou a abalçar-me na escrita de outros contos, igualmente recebidos com admiração, de tal modo que, por eles, escreveria um novo conto por dia. Contava já com vários trabalhos guardados na gaveta, alguns textos foram, inclusive, publicados em jornais, depois dei a ler a certas pessoas e de todas recebi palavras de encorajamento para prosseguir. Uma daquelas pessoas foi o renomado escritor António Jacinto, que, após análise, endereçou-me uma carta a dizer que aprovava os textos e tomou ele próprio a iniciativa de os levar à União dos Escritores Angolanos para edição. Acontece que esperei, resilientemente, por muitos anos até ver o primeiro livro sair a público, intitulado *A borboleta cor de ouro*, um livro que contem quatro histórias com temática voltada para a nossa realidade e tradição oral. A partir daí, várias obras foram surgindo no mercado, editadas por diferentes editoras dentro e fora do país em prosa e poesia, não só do gênero infantil e juvenil, mas também para adultos.

ABIODUM: Em 2017, em uma entrevista para *Plano Crítico*, comentas sobre a ausência da literatura angolana nas escolas do seu País. Percebes mudança nesse contexto para 2023?

MARIA CELESTINA FERNANDES: Infelizmente, a realidade não mudou muito. Primeiro, porque as edições estão cada vez mais escassas, devido a crise econômica e social gerada, sobretudo, devido à pandemia, as editoras estão praticamente falidas. Segundo, as tiragens são tão diminutas que nem chegam para os leitores da capital e, por outro lado, os professores e as famílias têm pouco interesse pela leitura e pouco poder de compra. Terceiro, se não se editam novos títulos, também não se fazem reedições, de maneira que as novas gerações acabam por não ter conhecimento

do que vai saindo em termos de literatura angolana. Fala-se do Plano Nacional de Leitura para as escolas, mas nunca mais é implementado! Concluindo, o quadro continua a não ser muito animador...

ABIODUM: O livro *Kambas para sempre revela a tua proximidade com o Brasil. O que te motivou na escolha de um enredo focado no Brasil?*

MARIA CELESTINA FERNANDES: Esse livro surge por mero acaso. Em 2017, participei na Flinkampa, a feira que a Universidade Zumbi dos Palmares promove anualmente. Aconteceu que numa das sessões em que se estava falando da discriminação racial e da necessidade das grandes empresas darem oportunidades de emprego aos afrodescendentes saídos das universidades, depois de vários depoimentos, não muito animadores sobre o preconceito racial existente na sociedade brasileira, surgiu uma senhora de raça branca que dizia estar casada com um negro e da relação tinham uma menina, depois passou a contar o *bullying* que a filha sofria por ter a pele escura e carapinha. Houve um dia em que a menina chegou a casa e contou à mãe que uma das colegas brancas lhe tinha lambido o braço para ver se sabia a chocolate. Contrariada com mais aquele triste episódio, a mãe perguntou-lhe qual tinha sido a sua reação e ela simplesmente respondeu que em resposta ela mais não fez do que lambê-la também a pele para ver se sabia a açúcar e nada mais. Eu achei a atitude da menina mulata tão sensata e inteligente que pensei logo em escrever um conto sobre o episódio. E assim foi, predispunha-me a narrar como os negros, saídos de África, tinham chegado ao Brasil: todas as peripécias por que passavam desde o angariamento, a viagem nos navios negreiros, o trabalho forçado e desumano e a exploração da mão de obra. As personagens centrais são as duas meninas que acabaram por se tornar grandes amigas – kambas para sempre. Quando expus a pretensão à diretora da minha editora, a

Kapulana, ela prontamente acolheu a ideia e assim surgiu a obra.

ABIODUM: Ainda sobre *Kambas para sempre*, é um livro que aborda as questões raciais brasileiras. Temos uma Lei, a nº 10.639, de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, que completa 20 anos no ano que vem. Assim, de que forma que o mundo ficcional pode contribuir para a construção de equidade no mundo real?

MARIA CELESTINA FERNANDES: Obviamente que o mundo ficcional é uma poderosa ferramenta de contribuição para a construção da equidade no mundo real. Assim sendo, através da denúncia das arbitrariedades e desmandos que se assistem pelo mundo fora, a literatura pode, sim, ser um meio bastante eficaz para o combate à discriminação, em particular do preconceito racial que leva à discriminação e exclusão do indivíduo de raça negra, pelo que não se pode baixar a guarda, é necessário insistir escrevendo sempre e sempre... Água mole em pedra dura tanto bate até que fura, diz o ditado.



XIGUTSA XA VUTOMI – “CABAÇA DA VIDA”

Responsáveis

Eliane Debus

Tutora PET Pedagogia/UFSC

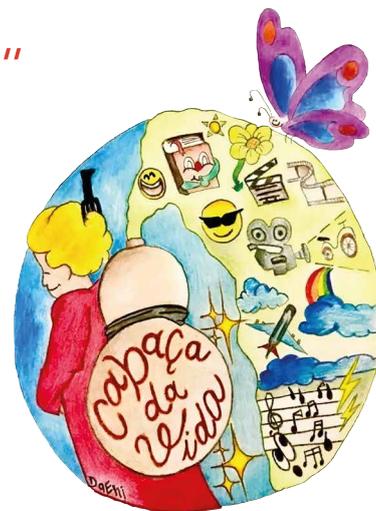
Ariel de Souza

Bolsista PET Pedagogia/UFSC

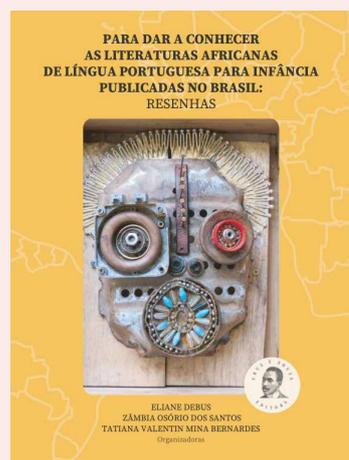
FIGURA 1: *Cabaça da Vida*,
por Lucas DaEni.

Fonte: Arquivo PET Pedagogia.

Nesta Cabaça intitulada “Xigutsaxavutomi”, que em língua Xangana que significa *Cabaça da vida*, colocaremos dicas de filmes, documentários, livros literários e teóricos sobre a temática da ERER. Vamos conferir?!



LIVROS



Para dar a conhecer as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para infância publicadas no Brasil: Resenhas (2022), organização de Eliane Debus, Tatiana Valentin Mina Bernardes e Zâmbia Osório dos Santos, e publicado pela Editora Cruz e Sousa, é o mais recente livro teórico e resultado do trabalho coletivo do grupo de pesquisa Literalise (UFSC/CNPq). O livro constitui-se na reunião de resenhas de 36 livros de literaturas africanas de Língua Portuguesa que circulam no mercado Editorial Brasileiro (18/Angola, 16/Moçambique, 1/Cabo Verde e 1/Guiné-Bissau). Por certo, a publicação incide na ampliação do repertório sobre as literaturas para infância e sua importância no que diz respeito a um repertório plural. (Pedro Salles Iwersen – Bolsista Egresso do PET de Pedagogia/UFSC).

Tamtamtamtam: venha você também para a roda de Crioula! Na tradição, o tambor de crioula é original do Maranhão e também foi reconhecido, no ano de 2007, como patrimônio cultural brasileiro e é retratada de forma lúdica no livro *É o tambor de crioula*, escrito por Sônia Rosa e ilustrado por Mariana Massarani, o qual foi publicado pela Editora Projeto no ano de 2021. A obra traz uma narrativa que carrega o leitor pelas mãos, a convidar para a roda por meio de versos que trazem em memória e afeto o que é e como funciona o tambor de crioula. (Camila da Silveira – Bolsista PET de Pedagogia/UFSC).



FILMES/DOCUMENTÁRIOS



Racionais: Das ruas de São Paulo pro Mundo (2022) é uma produção documental da Netflix que ilustra a trajetória de Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay na formação do grupo de Rap Racionais MC's, que se transformou na voz das favelas e um dos maiores acontecimentos culturais da história do país. Com depoimentos atuais e imagens de arquivo dos mais de 30 anos de carreira do grupo, a produção apresenta cronologicamente a trajetória dos Racionais, fazendo um paralelo entre acontecimentos da época e os seus impactos na produção artística de suas músicas, que põe o jovem de periferia no centro da discussão, com ênfase ao discurso engajado e coletivo, mas que, sobretudo, coloca-se como uma resistência ao racismo e à necropolítica instrumentalizados pelo estado. (Fernanda Gonçalves - Doutora em Educação e Pesquisadora do Literalise/UFSC e Gustavo Menor - Diretor de Arte e Rapper).

MÚSICA

Xênia álbum solo lançado pela cantora Xênia França em 2017. Pelo trabalho, ela foi indicada para o Grammy Latino de 2018 nas categorias Melhor Álbum Pop Contemporâneo e Melhor Canção em Língua Portuguesa (com *Pra Que Me Chamas?*), e também para o *Women Music Award* de 2018. Entre tambores e ambientações tribais que conversam com a música produzida em território africano, versos marcados pela forte religiosidade, flertes com o jazz, diálogos com a cultura Iorubá e confissões intimistas, Xênia França abre as portas do primeiro álbum em carreira solo. (Ariel Souza - Bolsista PÉT Pedagogia/UFSC)



Com nome inspirado em uma ave do cerrado, o tingoã, o grupo *Os Tingoãs* foi formado entre o fim dos anos 1950 e o início da década de 1960. No início eram Erivaldo, Heraldo e Dadinho, todos nascidos no município de Cachoeira, que fica às margens do Rio Paraguaçu, na região do Recôncavo Baiano. Os Tingoãs lançaram em 1973 um disco homônimo que chamou a atenção de todos. Com arranjos delicados, um violão, instrumentos de percussão e uma harmonia vocal repleta de doçura, o trio cantou para os Orixás: Iansã, Obaluaê, Iemanjá, todos eles estavam reunidos em um álbum que marcou época para a MPB. (Ariel Souza - Bolsista PET Pedagogia/UFSC)

Fértil é o primeiro álbum da cantora e compositora Anis de Flor, mulher afroindígena nascida em Florianópolis/SC. Lançado em 30 de setembro de 2022, e editado pela gravadora Lab Fantasma, o álbum contém cinco músicas autorais: *Quente, Solta, Forte, Fértil e Grande*. Através do *afrobeat* e *afrobrasilidades*, as canções revelam a vivência de Anis, suas lutas e superações e, principalmente, a potência de uma mulher que expressa por meio de sua arte sua força e espiritualidade. As composições e arranjos foram feitas pela própria cantora, junto das artistas Dessa Ferreira (responsável pela produção musical) e Marissol Mwaba (responsável pela direção musical), dentre outros artistas convidados. O lançamento foi viabilizado pelo edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2021, edital cultural de Santa Catarina. (Aline Rosa de Abreu- Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

